

POPULAÇÃO, EDUCAÇÃO E AGRICULTURA NO DESENVOLVIMENTO

ROBERT McNAMARA

De "O Globo"

Não estamos em busca de bons investimentos em economias fracas. O que nos incumbe é descobrir as causas dessa fraqueza, para adotar as medidas corretivas necessárias ao fortalecimento dessas economias. Desejamos encontrar os projetos, os procedimentos, as políticas que ajudem as economias em seu conjunto a alcançarem um crescimento e um progresso auto-sustentados.

↵ A isto me refiro quando afirmo que os esforços do Grupo do Banco Mundial são de caráter "qualitativo". Procuramos utilizar nossos recursos materiais e humanos numa forma coordenada e cuidadosa, que contribua para promover a vitalidade, a diversificação e as reformas institucionais básicas da sociedade. Não nos podemos contentar com soluções parciais. O de que necessitamos, e temos que formular, é uma estratégia global que sirva de norma à qual se ajustem, como peças lógicas e integrantes, as diversas políticas e projetos.

De modo que ao assinalar que começamos a prestar especial atenção à política demográfica, à reforma educacional, à expansão da agricultura — e ao acrescentar que nos propomos imprimir novo impulso à nossa atuação no âmbito do desemprego, da urbanização e do crescimento industrial — não me refiro a setores ou políticas selecionados por acaso. Nosso propósito é estabelecer um esquema básico que nos permita abordar os problemas destes setores vitais através de medidas conexas que se reforcem mutuamente.

O que proponho é a busca de uma estratégia global satisfatória, em virtude da qual o desenvolvimento de cada setor auxilie e impulse o de todos os demais. Por exemplo, a redução da taxa de crescimento demográfico pode contribuir para minorar os problemas tanto do campo como da cidade. A modernização da agricultura pode proporcionar trabalho mais estável, maiores receitas e mais esperança por um futuro melhor. O incremento da produtividade permite alimentar a crescente população das cidades, podendo até mesmo contribuir para atenuar o atual ritmo demasiado rápido de urbanização. A revolução agrícola pode estimular o estabelecimento, em escala regional, de uma nova rede de comunidades urbanas descentralizadas, cujas empresas de serviços e instalações de transformação e indústria leve podem oferecer oportunidades de emprego fora das grandes cidades. A existência de explorações agrícolas mais produtivas e de uma população rural mais próspera permitirá contar com um melhor mercado para a nova indústria pesada dos grandes centros urbanos.

Poderão então ser realizadas operações em maior escala, que permitam competir nos mercados alienígenas, dominados por empresas dotadas de experiência dos países desenvolvidos.

Não pretendo sugerir que seja possível alcançar o equilíbrio imediato de todas essas equações. Não obstante, nosso objetivo há de ser a consecução de um desenvolvimento integral.

Mas, ao considerar isoladamente cada um desses setores críticos, ao examinar os três setores aos quais, no ano transato, assinaei que se deveria dispensar especial atenção, e ao acrescentar agora três outros que é preciso atender de forma premente, não quero dizer que nosso objetivo se limite simplesmente à modernização de setores isolados. Trata-se antes de abordar os problemas que apresentam esses setores de uma forma que permita que toda a sociedade possa ser incorporada à vida moderna.

Foi dentro desse contexto que no ano passado mencionei aos presentes três setores aos quais nos propúnhamos prestar atenção especial.

Planejamento demográfico

O primeiro desses setores foi o do planejamento demográfico, pela simples razão de que o excessivo crescimento da população constitui o obstáculo mais importante que se antepõe ao progresso econômico e social da maioria dos povos do mundo subdesenvolvido.

O enaltecimento da dignidade do homem e, portanto, da capacidade para levar uma vida mais proveitosa, mais livre, mais verdadeiramente humana é a finalidade primordial do desenvolvimento. O progresso econômico é um instrumento para a consecução desse objetivo, porém nenhuma taxa possível de crescimento será suficiente para atender à proliferação desenfreada de seres humanos em nosso limitado planeta.

Há pouco tempo procedi a um exame percuciente desta questão, com o objetivo de chamar a atenção para a urgência desse problema que afeta a viabilidade de to-

dos os esforços em prol do desenvolvimento. É evidente que se está começando a compreender melhor este problema, e um número cada vez maior de governos se mostram dispostos a adotar medidas para sua solução.

Com vistas a proporcionar-lhes ajuda, criamos um Departamento de Projetos Demográficos no Banco. Embora ainda não esteja em pleno funcionamento, percebemos que se necessita de mais assistência técnica e assessoramento do que de ajuda financeira. Em coordenação com outras instituições das Nações Unidas, estamos dispostos a proporcionar assistência dessa natureza, que tem sido solicitada por numerosos de nossos países membros. Por outro lado, futuramente todos os relatórios econômicos do Banco sobre qualquer país que se defronte com um problema em matéria de população examinarão objetivamente as medidas adotadas pelo Governo

com vistas à sua solução, ou à ausência de tais medidas.

Educação

O segundo setor ao qual dispensei especial importância em minhas palavras do ano passado foi a educação. Naquela ocasião, expressei a esperança de poder conseguir, durante o período do programa quinquenal, melhor equilíbrio entre o capital disponível para obras materiais e os recursos humanos com a formação necessária a fim de utilizar esse capital de forma eficiente. Com vistas a alcançar esse objetivo, nos propusemos triplicar, pelo menos, o montante de nossos empréstimos nesse setor.

Temos obtido progressos. No exercício de 1969 os recursos proporcionados conjuntamente pelo Banco e pela AIF para projetos educacionais foram superiores em mais de três vezes aos correspondentes ao anterior, e se prevê um novo aumento no exercício em curso. Ora, ainda que as oportunidades para o financiamento de novos projetos educacionais sejam quase ilimitadas — ao cabo de quatro ou cinco mil anos da introdução da palavra escrita, mais de uma terça parte da população adulta do mundo continua sendo analfabeta. E, o que é ainda mais significativo, o número de analfabetos não diminui, estando, ao contrário, em progressão. Apesar de todos os esforços envidados nos últimos 20 anos pelos organismos das Nações Unidas e outras instituições educativas, atualmente existem no mundo 880 milhões de analfabetos, isto é, 100

milhões a mais do que em 1950 — nossos recursos não o são, e, por essa razão, é preciso aplicar critérios muito rigorosos na escolha dos projetos.

A questão reside em determinar cuidadosamente as prioridades educacionais em cada país, e investir os recursos em harmonia com esses critérios.

Nos países em desenvolvimento não há grande discrepância no tocante à importância da educação, porém os problemas que estão intimamente ligados ao progresso nesse campo são de tal complexidade que é provável que muitos dos escassos recursos que são a ele destinados na realidade se percam. Por exemplo:

Em muitos países da África a taxa de deserção nos seis anos do ensino primário é superior a 70%, e em muitas partes da Ásia ultrapassa 80%.

Mesmo entre os que terminam todo um ciclo de instrução, registram-se perdas em vista de um número crescente de graduados não encontrar emprego. Somente num país da Ásia meio milhão de graduados de nível secundário e universitário — 10% do total — estão desempregados. Por outro lado, muitos deles somente encontram trabalho em empregos que realmente não exigem a preparação relativamente dispendiosa que receberam.

Estes são os resultados de sistemas educativos que não se acham em consonância com as necessidades ou aspirações das coletividades a que pertencem. Com demasiada frequência se conservam sistemas docentes antiquados devido ao seu prestígio tra-

dicional, sendo muito poucos os casos em que se dispensa a necessária atenção à ciência moderna e aos estudos tecnológicos ou agrícolas de caráter prático. Tendem a preparar os estudantes para continuarem ascendendo no sistema educacional, e não para a vida que provavelmente terão que enfrentar. Como consequência disso, existe elevado número de jovens que abandonam seus estudos sem estarem preparados para nada, no tempo mesmo em que o custo cada vez mais elevado da educação exerce uma pressão insuportável sobre os recursos de países pobres.

Em suma, em muitos países em desenvolvimento — países enredados no labirinto de uma pobreza opressiva, da qual não podem sair até que seus cidadãos contem com a formação necessária — o sistema educacional simplesmente não atende às prementes necessidades de sua população.

Ante essa situação, o Banco se propõe cingir a sua política de proporcionar ajuda para fins educativos somente nos casos em que contribua significativamente para o desenvolvimento econômico. O objetivo que se persegue é claro, porém não tanto os meios necessários para alcançá-lo. Ora, de imediato reorientaremos nossas atividades sob três aspectos:

Dispensar-se-á maior atenção ao problema do analfabetismo funcional entre adultos, nos países em que um número cada vez maior de adultos analfabetos constitui grave obstáculo ao desenvolvimento.

Atribuir-se-á menos ênfase à construção de instalações mate-

riais, concentrando-se a atenção elaboração de planos de estudo, na administração escolar, na formação de professores e no planejamento educativo a longo prazo, vinculado diretamente com a estratégia para o desenvolvimento do conjunto da economia.

Serão intensificadas as atividades de experimentação e inovação no setor educacional. Em colaboração com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento e a UNESCO, o Banco financiará uma série de projetos-pilotos para pôr à prova novas idéias no sentido de aumentar ao máximo a contribuição dos sistemas educacionais a um processo de desenvolvimento econômico devidamente planejado. Esperamos participar no financiamento do primeiro desses projetos — um de nível primário na Costa do Marfim, baseado no emprêgo da televisão educativa — antes do fim do ano em curso.

Agricultura

Outro setor para o qual encaixei que se dispensasse maior atenção foi o agrícola, e assim foi feito. Durante o exercício passado duplicou o número de empréstimos concedidos ao setor agrícola, e esperamos um novo aumento no exercício de 1970.

Continuaremos atribuindo especial ênfase a este setor, não somente porque indubitavelmente é produtivo, como também porque, apesar do prestígio ou popularidade dos grandes projetos industriais, continua de pé o fato de que no mundo inteiro em desenvolvimento a agricultura é a base indispensável para uma sólida eco-

nomia. É o setor que beneficia de forma direta a maior parte da população do mundo. Por outro lado, uma das lições mais duras para muitos dos países em desenvolvimento é que a expansão agrícola impulsiona e acelera o crescimento industrial.

Depois de anos de estagnação quase total, a produção agrícola está começando a reagir à aplicação de novos métodos tecnológicos. Por exemplo, este ano a colheita de trigo do Paquistão é superior em 60% à média alcançada nos últimos quatro anos. O recente incremento da produção rizícola das Filipinas pôs cõbro a meio século de dependência nas importações de arroz, havendo possibilidades de que o país se transforme num exportador desse produto. Até agora as taxas de aumento da produção de cereais alimentícios apenas tem acompanhado o crescimento demográfico. Porém a perspectiva para os próximos vinte anos, sempre que se disponha de apoio financeiro adequado, é que a produção de alimentos aumente mais rapidamente que a população.

Existe o perigo de considerar que o progresso agrícola possa ser alcançado simplesmente mediante o emprêgo das novas "sementes milagrosas". A realidade é que as novas variedades híbridas são apenas um dos elementos da tecnologia total. O emprêgo eficiente da água, da reforma agrária, do aproveitamento das terras, dos fertilizantes, dos pesticidas, dos transportes, dos centros regionais de armazenamento, das facilidades de comercialização e do crédito são elementos essenciais

dêsse crescimento, sendo preciso mantê-los num equilíbrio adequado para as perspectivas da revolução agrícola continuem sendo promissoras.

Por outro lado, o problema inicial de conseguir um abastecimento suficiente de alimentos no mundo inteiro será substituído paulatinamente por outros problemas ainda mais complexos. Há um conflito inerente entre a ampliação das atividades agrícolas numa escala relativamente grande e a sobrevivência de pequenas propriedades de natureza familiar. A nova tecnologia está mais ao alcance dos agricultores prósperos e, por essa razão, pode transformar-se, paradoxalmente, numa sanção para os agricultores pobres. Se estes se vêem obrigados a deixar o campo e emigrar para as cidades, se agravará, em geral, a crise que pressupõe o ritmo demasiado rápido de urbanização, o que, por sua vez, pode dar margem a problemas mais graves de assistência social e desemprego, e a tensões explosivas entre os que possuem terra e os que não a têm.

De igual modo, é preciso que a produção de alimentos guarde uma relação econômica adequada com a procura dos consumidores — as receitas da população têm que aumentar no mesmo passo que a produção agrícola. Embora seja evidente que na maior parte dos países em desenvolvimento se precisa de maior abastecimento de alimentos, um aumento súbito poderia provocar o abarrotamento dos mercados locais, o que faria diminuir os preços considerável-

mente e destruiria os incentivos para conseguir maior produção.

Existe também a possibilidade de uma perturbação profunda do comércio internacional à medida que os países que tradicionalmente foram importadores de alimentos alcancem a auto-suficiência. A menos que as nações exportadoras de alimentos possam diversificar sua produção na proporção que diminuem seus mercados tradicionais, poderiam chegar a encontrar-se numa situação muito difícil.

O Banco está disposto a proporcionar assistência técnica e ajuda financeira em relação com todos estes problemas. Existe algo mais, contudo, que estou convencido que devemos fazer, e é intensificar nossas atividades no sentido de promover a pesquisa agrícola que haverá de lançar as bases para maior crescimento futuro desse setor.

As novas "sementes milagrosas" constituem um exemplo impressionante da eficácia econômica dessa pesquisa. Não são o resultado de um milagre, mas de um investimento modesto e de uma grande dedicação e trabalho do homem. Por exemplo, o Instituto Internacional de Investigações sobre o Arroz das Filipinas obteve as novas variedades, com um investimento total inferior a \$15 milhões.

Há necessidade premente de realizar pesquisas dessa natureza em setores tais como a produção de alimentos protéticos de baixo custo, o aproveitamento mais eficaz e o controle dos escassos recursos hidráulicos, e a erradicação das enfermidades dos animais e

das plantas, que em algumas regiões reduzem o gado e as colheitas até uma terça parte.

O problema das proteínas se reveste de especial importância, visto que a suficiência calórica não evita os estragos da desnutrição. A deficiência proteínica constitui uma fome oculta que solapa a atividade, a energia e a iniciativa de suas vítimas, produzindo letargia, suscetibilidade a doenças, uma alta mortalidade infantil — e famílias demasiado grandes para compensá-la —, baixa capacidade para aprender, atraso mental e uma falta geral de eficácia nas tarefas diárias.

Com frequência se tem alegado, injustamente, que os habitantes das regiões subdesenvolvidas do mundo são indolentes, carentes de aspirações e incapazes de entregar-se à tarefa de melhorar sua situação e a de seu país. Porém cada vez se torna mais evidente que as deficiências calóricas e proteínicas produzem indivíduos desnutridos, que não têm a capacidade física nem mental para serem cidadãos ativos enérgicos e produtivos.

Dois terços das crianças do mundo sofrem de desnutrição provocada por deficiências proteínicas, alguns de cujos efeitos são irreversíveis e afetam a eficiência dessas centenas de milhões de cidadãos durante toda sua vida adulta. Se no próximo decênio conseguíssemos um adiantamento tecnológico que permitisse a produção e distribuição de proteínas a baixo custo — adiantamento que parece ser possível em vista da atual revolução agrícola — poderíamos arrancar a humanidade das

garras da desnutrição e lograr que se melhorasse sensivelmente a energia e a eficiência humanas.

Confio, portanto, que o Banco e as organizações que têm especial experiência nessas questões — o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, a Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação, os organismos de ajuda de países como

o Canadá, a França, a Suécia e os Estados Unidos, e as Fundações Rockefeller e Ford — possam colaborar com as nações em desenvolvimento para imprimir novo impulso à pesquisa aplicada em cada um dos seguintes campos de importância crítica: a produção de proteínas, a utilização eficiente da água e a redução das doenças dos animais e das plantas.

NOSSO COMODISMO

“Devemos fortalecer nossas convicções humanas e cristãs.

Sem uma força de alma e ação mais consciente, sem uma Fé mais profunda e atuante, poderemos ser tragados por culpa de nosso comodismo ou pela ilusão de que a causa do Bem por si mesmo se defende (...). Os tempos são duros e exigem homens fortes, verdadeiramente bons e unidos.”

Discurso de S.S. Paulo VI
8 de setembro de 1968